



2017/05/29

A NATO ainda existe?

Alexandre Reis Rodrigues

Há quem diga que a NATO deixou de existir no dia 25 de maio, durante a reunião de chefes de estado e de governo, que foi aproveitada para inaugurar formalmente o novo quartel-general. O nível de ambição que transparece da nova infraestrutura não sugere, nem de longe, nem de perto, esse desfecho, bem pelo contrário. Mas esse aspeto não chega, por si só, para concluir que a Aliança está de boa saúde. Como veremos, a pergunta que serve de título a este artigo, embora provocativa, tem boa razão de ser.



Acima de tudo, a reunião foi um grande desapontamento; quase uma catástrofe para quem esperava que a situação do relacionamento transatlântico se compusesse. Reunir 27 chefes de estado e de governo para ouvir Trump repetir o que já disse vezes sem conta sobre as despesas dos europeus com a defesa e propor que a NATO entre na coligação liderada pelos EUA no combate ao ISIS não me parece politicamente aceitável. Muito menos se os participantes são solicitados (talvez melhor dizendo, pressionados) a manterem os seus comentários entre dois e quatro minutos,¹ o que fez da reunião uma das mais curtas, senão a mais curta, da história da NATO (dizem vários comentadores que acompanham de perto estes encontros).

Não é a duração da reunião que serve para medir a sua utilidade e importância. Pode ser curta e mesmo assim eficaz, em especial se for devidamente preparada de antemão. Obviamente esta não foi. Parece que o objetivo era apenas ouvir o que o Presidente dos EUA tinha a dizer. Já todos conheciam bem o que pensa, mas haveria alguma esperança que se mostrasse mais cordial e, pelo menos, reafirmasse o compromisso da defesa coletiva, como expresso no artigo 5º da Carta, mas Trump passou ao lado de tudo isso. O secretário de Estado, Tillerson, que já tinha reafirmado o compromisso em anterior visita a Bruxelas, disse aos jornalistas, antes da reunião, que não podia confirmar se o Presidente iria ou não referir o assunto, porque o texto do seu discurso ainda estava a ser preparado. Se incluía ou não essa referência específica não se sabe garantidamente. Há quem diga que incluía, mas Trump não leu essa parte, por opção do momento.

Não ter sido avançada qualquer resposta organizada às insistências de Trump deixa os europeus numa posição, diria eu, pelo menos desconfortável. Mesmo apenas dois minutos para cada chefe de estado ou governo chegariam para tomar uma posição coletiva. Houve tempo suficiente porque a reunião há muito que estava anunciada. Pode ter prevalecido a opinião dos que optaram por deixar passar o tempo e não alimentar o assunto. Depois de Trump virá outro presidente e então a situação compor-se-á, certamente. É possível que sim, mas, mesmo assim, não é postura aceitável, muito menos a que a situação exige.

¹ Diz-se que o Presidente Trump não "aguenta" reuniões demoradas. Quer os assuntos resolvidos rapidamente e à sua maneira. É normal para um homem de negócios. Para um Presidente da maior potência mundial é perigoso por não se dar ao trabalho de ouvir com atenção.

Tudo o que for menos do que apresentar uma estratégia própria que torne claro como os europeus querem assumir as suas responsabilidades e como pretendem que funcione a relação transatlântica, deixará a Europa mal colocada e com a sua imagem ainda mais enfraquecida. Estará a contemporizar com uma forma de tratamento inaceitável da parte do Presidente americano em relação aos europeus, embora estes tenham dado muitas oportunidades para as razões de queixa americanas.

Aliás, os europeus não devem esquecer que Trump representa uma corrente de opinião que, no campo específico da participação europeia na NATO, é consensual nos EUA. Trump distingue-se dos seus antecessores apenas pelo estilo abrasivo que utiliza, não pelo conteúdo da sua mensagem, que, no essencial, era subscrita pelo seu antecessor. Talvez também porque não tem formação política e não compreende o valor de ter aliados.

Para lidar com esta situação, os europeus precisam de se organizar em termos coletivos. Se continuarem a apresentarem-se a título individual não conseguirão “salvar” a Aliança. Sven Biscop considera que talvez nem seja preciso atingir o tão falado teto dos 2% do PIB. Basta entenderem-se para integrar o planeamento de defesa. Sobretudo, insistiria eu, para a aquisição de capacidades coletivas que não estão ao alcance de um único país isoladamente, mas são indispensáveis para reduzir a dependência dos EUA e ganhar alguma autonomia, pelo menos nas zonas do espetro de conflito mais expectáveis no atual contexto de segurança.

Não vai ser fácil conseguir esse desfecho, mas há uma notícia boa pelo meio. A de que os líderes europeus começaram, finalmente, a perceber que não terão outra saída. Vem com alguns anos de atraso, mas, como se costuma dizer, mais vale tarde do que nunca. Merckel foi muito clara num comício do seu partido, depois da reunião da NATO, ao concluir que, face à evidência de que ter aliados não conta da mesma forma que contava dantes, aos europeus não resta senão tomarem a resolução deste assunto nas suas próprias mãos. Mais um exemplo de que, às vezes, há males que vêm por bem.

Na minha interpretação, esta posição, na prática, vem exatamente na linha do que recomenda a Estratégia Global da União Europeia. Se conseguir ter sucesso, então talvez a NATO possa continuar, como a resposta para situações extremas. Caso contrário, deixará de funcionar embora possa continuar a existir formalmente.